



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



Daiane Silva de Oliveira

**REDESCOBRINDO OS NOSSOS CAMPOS:  
TECENDO A NOSSA COLCHA DE VIVÊNCIAS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE  
SABERES COM AS CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Porto Alegre – RS

2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



**REDESCOBRINDO OS NOSSOS CAMPOS:  
TECENDO A NOSSA COLCHA DE VIVÊNCIAS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE  
SABERES COM AS CIÊNCIAS DA NATUREZA**

Artigo de Conclusão de Curso em  
Licenciatura em Educação do Campo:  
Ciências da Natureza, na Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dani Noal  
Co-orientador: José Vicente Lima Robaina

Porto Alegre – RS  
2018



## RESUMO

Uma escola do/no campo precisa ser pensada a partir de um projeto que fortaleça, valorize os saberes tradicionais, do/no campo e de sua comunidade de forma coletiva. Ou seja, sem ficar no mero discurso pronto, que se deve “contemplar a realidade do aluno”, e sim, proporcionar momentos e práticas de aprendizagem que possibilitem uma formação humana de nossos educandos e educandas. Para isso, os educadores e educadoras precisam se assumir como formadores de sujeitos, eternos pesquisadores e muito mais que professores de conteúdos disciplinares, devem se desafiar para o novo, desacomodar-se e assumirem-se como “tarefeiros” conforme Freire. Para atingir esses objetivos, se organizou a formação “Redescobrimos Nossos Campos”, contemplando alguns temas sobre o campo, para os educadores e educadoras da educação, nas escolas municipais do campo de Nova Santa Rita, em parceria com a UFRGS e SMEC.

A fim de proporcionar uma reflexão crítica e adequação na prática, em âmbito de escola, tendo em vista a predominância do ensino escolarizado fortemente presente nas Escolas do Campo, e ainda, a proposta aqui relatada oportunizou aos educadores e educadoras um grande enriquecimento profissional, social, cultural, oportunizando a todos e todas uma formação humana.

Palavras chave: EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS –  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES

## INTRODUÇÃO

De acordo com Caldart (2004), devemos pensar em uma escola que garanta o direito das crianças e jovens do campo o acesso ao conhecimento universalmente produzido, entendendo-o como um produto histórico social, e ainda, que promova a formação de uma visão crítica dessa produção, a fim de valorizar e reconhecer os saberes já construídos e existentes por esses sujeitos do campo. Precisamos compreender que esses saberes tradicionais e diversificados são extremamente



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



valerosos para a formação de um cidadão e devem ser contemplados nas escolas, dentro dos espaços educativos escolares (formais e não formais) com o objetivo de aproximar o “ensino” da vida do educando, e assim, sair do senso comum: “respeitar a realidade do aluno”.

Segundo Freire:

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2013).

Com base no exposto acima, percebe-se a necessidade olharmos as nossas escolas como um lugar de formação humana. Ou seja, significa dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia a dia estão vinculados a um projeto de ser humano. Para isso, os educadores e educadoras devem se assumir como “trabalhadores” e “trabalhadoras” do humano, formadores e formadoras de sujeitos, muito mais do que professores de conteúdos escolares, e ainda, compreenderem a importância de se discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano estão ajudando a produzir e cultivar a partir de suas práticas e abordagem pedagógicas, “assumindo-se como sujeitos da produção do saber, e se convencerem de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”, conforme afirma Paulo Freire (2013).

Ser professor educador é possibilitar o caminho da investigação, da procura, despertar a curiosidade para o novo e para a pesquisa, promover ações as quais isso seja possível, como trabalhos de pesquisas ou investigação, vivências em espaços diferenciados, atividades em laboratórios de ciências, saídas de campo, entre outras atividades que contemplem os conhecimentos locais para valorar os saberes da comunidade, assim como, atividades que possam propiciar de forma harmônica com o campo a aprendizagem das ciências da natureza.

Frente a isso, visando colaborar nesse processo de entendimento e construção de práticas pedagógicas direcionadas ao campo para contemplar os conhecimentos das Ciências da Natureza, iniciamos um olhar mais “calibrado” para com as Escolas Municipais do Campo de Nova Santa Rita, no ano de 2013, com



uma formação na qual teve como mentora a professora Isabela Camini, que realizou os primeiros passos para uma proposta de Educação do/no Campo no município. Essa formação aconteceu, durante todo ano de 2013, a qual possibilitou para as educadoras e educadores terem um dos primeiros acessos às concepções teóricas e pedagógicas sobre Educação Popular e Educação do/no Campo abordadas em Nova Santa Rita.

Com o propósito de darmos continuidade a essa concepção teórica e metodológica (Educação do/no Campo) foi organizado, no ano de 2016 e 2017, uma proposta de formação de forma coletiva, denominada Redescobrimo Nossos Campos, para os educadores e educadoras das escolas municipais do/no campo de Nova Santa Rita, contando com a parceria plena da UFRGS, através dos professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, Secretaria de Educação e Cultura (SMEC) e organizada por mim, Daiane Silva de Oliveira, a partir de alguns temas relacionados à Educação do Campo e sua construção histórica, bem como, às Ciências da Natureza.

A partir dessas formações, começou a acontecer um movimento em cada escola do/no campo. Cada uma no seu ritmo e no seu tempo, e os resultados positivos foram surgindo, como a organização de clubes de ciências nas cinco escolas do campo. As educadoras e educadores do campo passaram a pensar e construir uma proposta de educação do/no campo para a sua escola, considerando a sua realidade, a de sua comunidade e de seu aluno, possibilitando realização de eventos e encontros para fortalecer, reconhecer e valorizar a proposta de educação do campo que está sendo desenvolvida no município.

Assim, te convido a tecer minha colcha de vivências a qual realizo meus alinhavos, em diversos momentos com uma variedade de pessoas da educação, resultando em trocas de saberes, construção de conhecimento e muita aprendizagem. Com esses alinhavos, ratifico em mim a certeza de que não existe receita pronta para se desenvolver uma educação de qualidade, e sim possibilidades as quais nos arriscamos, fundamentadas em uma concepção teórica e movidas pelo amor à educação.



**1 – TECENDO OS PRIMEIROS ALINHAVOS DA COLCHA** - formação continuada de professores e professoras das escolas municipais do campo de Nova Santa Rita 2016 e 2017

A proposta de uma Educação do/no Campo, em Nova Santa Rita, começou a ser discutida, em âmbito municipal, a partir de 2013 (como já mencionado anteriormente), nas cinco escolas municipais do campo: EMEF Alfredo Antônio Amorim, EMEF Álvaro Almeida, EMEF Rui Barbosa, EMEF Treze de Maio e EMEF Vasconcelos Jardim. Entretanto, o presente trabalho abordará apenas as atividades desenvolvidas a partir de 2016, as quais são os subsídios de minha pesquisa e os seus resultados constituem o objeto de análise que serão aqui descritos.

Para retomar as discussões, o primeiro passo foi pensar, planejar e executar uma formação continuada aos educadores e educadoras das escolas municipais do campo a qual pudesse fazer essa retomada sobre a perspectiva de Educação do/no Campo, bem como, instigasse e despertasse as educadoras e educadores à pesquisa constante para que, através da teoria aliada à prática, fossem enxergando a si próprio, sua escola, sua comunidade. Enfim, sua territorialidade como pertencentes ao campo.

A formação continuada é um processo fundamental para o educador e educadora, pois ela possibilita o desenvolvimento de um trabalho mais rico e reflexivo sobre a sua própria prática, possibilitando novas concepções, outra visão teórica ou reafirmamento das mesmas.

Segundo Freire (2013), na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Pois, é pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem, que se pode melhorar a prática futuro. Portanto, a formação realizada nas Escolas Municipais de Nova Santa Rita permeia por várias temáticas para contemplar as necessidades desses educadores e educadoras, os quais ainda realizam o processo de ensino aprendizagem disciplinar de forma predominante, preocupados com os conteúdos escolares.

Para tentar mudar essa lógica, a formação continuada foi o “pontapé inicial” para que a mudança começasse, refletindo nas ações das próprias educadoras em suas escolas.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



Pensar em uma educação não bancária, não disciplinadora, e sim libertadora, que os alunos possam ser sujeitos de sua caminhada para o desenvolvimento dos seus conhecimentos e valorizados enquanto seres históricos e que as práticas pedagógicas abordem os conhecimentos da comunidade, os saberes ali existentes demonstrados no plantio, na lida com a terra e com a natureza, pois

(...) é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam as histórias e se fazem seres históricos-sociais. (FREIRE, 2014)

Uma educação transformadora só se dará através de diálogos e da valorização do educando e de sua trajetória. Para se ter essa percepção, a formação continuada possibilita abrir os olhos do educador e educadora, caso ainda não a tenha. Visando dar sentido a possível mudança e ser uma formação significativa para as educadoras e educadores, se pensou em um tema gerador para que o mesmo possibilite trabalhar os eixos necessários que foram desenvolvidos e conforme Corazza (2003) “O tema gerador centraliza o processo ensino-aprendizagem, já que sobre ele dar-se-ão os estudos, pesquisas, análises, reflexões, discussões e conclusões.

E assim se fez a formação continuada realizada durante dois anos (2016 e 2017), nomeada como “Redescobrimo nossos Campos”, tema que retrata o que se pretende de fato: o redescobrimento do tipo de campo que cada escola pertence, redescobrir sua comunidade, sua história e valorar os seus saberes através da realização de práticas contextuais, desenvolvendo uma metodologia que contemple uma educação popular, bem como, a conscientização que não é algo novo, tendo em vista, que em outros momentos passados já se foi discutido o assunto.

Os encontros aconteceram uma vez por mês e em cada escola municipal do campo, assim, todos puderam conhecer as diversas realidades existentes nas nossas escolas municipais, bem como, um pouco de suas comunidades, características e cultivo de alimentos.

A partir do tema gerador da formação (Redescobrimo nossos Campos) foi possível elaborar um projeto, o qual não fará parte desse artigo, mas cito os



objetivos propostos a fim de demonstrar o que se planejou para a realização da mesma. Com os objetivos podemos mensurar os resultados de cada encontro, ter um caminho por onde percorrer e saber onde queríamos chegar. Seguem abaixo os principais objetivos pensados para a realização do projeto:

- a) promover, de forma coletiva, a formação continuada aos trabalhadores e trabalhadoras das escolas municipais do campo, envolvendo temas relacionados à Educação do Campo e Ciências da Natureza;
- b) realizar uma vez por mês, em cada escola, o encontro de formação;
- c) promover momentos de discussão, avaliação e registros dos encontros;
- d) garantir a participação de todos os trabalhadores e trabalhadoras, a partir da liberação dos educandos e educandas mediante autorização da SMEC e planejamento de atividades a distância direcionadas aos alunos e alunas;
- e) disponibilizar materiais para leitura e pesquisa a fim de colaborar com o processo formativo dos educadores e educadoras, fomentando também a pesquisa, a ação – reflexão – ação;
- f) promover encontros e reuniões pontuais, nas escolas, para garantir a continuidade da reflexão sobre as propostas pedagógicas vigentes e relacionadas ao campo;
- g) propor a criação de Clubes de Ciências nas Escolas Municipais do Campo;
- h) realizar de forma contínua o diálogo com todos os envolvidos para se ter um “termômetro” das ações ocorrentes e sugeridas durante todo o processo;
- i) propor e colaborar, de forma coletiva, a elaboração da Resolução Municipal da Educação do Campo para o Conselho Municipal de Educação.

Estipulados os objetivos, chegou o momento de pensar em pessoas que poderiam se somar a esse propósito e colaborar com o desenvolvimento da formação. E assim, aconteceu, conforme segue em um breve resumo sobre a formação de 2016 e 2017, nessa ordem:

A formação iniciou no mês de maio (31/05), na EMEF Vasconcelos Jardim, onde o professor Jaime José Zitkoskfoi abordou o histórico da Educação do Campo, bem como seus processos de fomentação e sua importância nos espaços da sociedade. O tema abordado teve o objetivo de contextualizar o processo histórico da educação do campo e sua concepção teórica da educação popular aos educadores e educadoras das escolas municipais do campo, assim, possibilitando o





contato direto com referenciais teóricos para o embasamento de suas práticas, e ainda, fomentando o processo de investigação. Pois, de acordo com Paulo Freire (2014), “quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando”.

O segundo encontro ocorreu na EMEF Treze de Maio (27/06), onde a professora Vera Regina Nunes falou sobre a importância da elaboração do projeto político pedagógico de forma participativa, envolvendo toda a comunidade escolar e sua realidade. Esse encontro, a partir dessa temática, teve o objetivo de evidenciar a importância do Projeto Político Pedagógico e por ser um documento legítimo da escola deve ser elaborado com a participação de todos e todas, dando voz e vez, contemplando as necessidades e metas da escola.

No dia 18/08, na EMEF Rui Barbosa, ocorreu o terceiro encontro, onde foi apresentado um exemplo de prática pedagógica que está sendo realizado pela própria escola: o Clube de Ciências do Campo. Essa foi uma grande oportunidade em que os educadores e educadoras puderam enxergar de forma concreta uma prática de aprendizagem envolvendo a comunidade e valorizando seus saberes a partir de uma atividade ocorrente dentro da escola. O Clube de Ciências do Campo foi uma proposta pedagógica do professor José Vicente Robaina, o qual salientou da importância dessa atividade tendo em vista o grande grau de envolvimento dos educandos, além de muitas vezes, envolverem os familiares e a comunidade através de espaços educativos fora da escola, saídas de campo no entorno da escola e atividades envolvendo a família. Aproximar os saberes escolares da realidade do educando é uma tarefa que todos educadores tem o desafio de realizar e a partir dessa prática se possibilita essa aproximação.

Atualmente, esse projeto de extensão é realizado e coordenado pelo professor Robaina está acontecendo nas outras quatro escolas municipais do campo de nossa cidade. Realizado, então, nas cinco escolas municipais do campo, possibilitando aos educandos e educandas, bem como, para seus educadores e educadoras uma forma prazerosa de fazer Ciência através de práticas pedagógicas que proporcionam aos envolvidos construir conhecimentos a partir de seus conhecimentos prévios.

No dia 26/09, na EMEF Alfredo Amorim, ocorreu o quarto encontro, envolvendo o tema Feira de Ciências, abordado pelo professor Edson Roberto



Oiagen que trouxe exemplos práticos de nosso cotidiano onde a ciência está presente. Também, os temas agroecologia e produção orgânica, foram abordados pela professora Magnólia Silva da Silva que colocou a importância dessas práticas para o bem estar de nossa vida e saúde, além de mostrar também dados importantes sobre o desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil e sua importância para combater a fome. Assim, nos alertando sobre o consumo de alimentos os quais não são orgânicos e que podem prejudicar a nossa saúde por conta do uso de agrotóxico.

No dia 14/10, ocorreu o quinto encontro na EMEF Álvaro Almeida onde foi abordado a importância de valorizar os saberes tradicionais quilombolas e camponeses, com o professor Dilmar Lopes, o qual trouxe algumas experiências e relatos de sua tese que relata da resistência desse povo em permanecer vivo com sua cultura e sua terra.

No dia 23/11, ficou agendado como último encontro e estava programada uma saída de campo para a aldeia indígena de Viamão, (Escola Indígena "Nhamandu Nhemopu'ã" ) com o objetivo de aproximar a realidade atual desse povo com o que está sendo abordado nas escolas. Entretanto, em virtude da greve e ocupação ocorrentes na UFRGS, não foi possível realizá-la. Visitar a aldeia seria uma oportunidade de vivenciar uma cultura tão antiga e tradicional a qual não é devidamente representada e apresentada na maioria dos livros didáticos, mas certamente é uma indicação de saída de campo para outros momentos possíveis. Sendo assim, não ocorreu o encontro marcado para esse dia, entretanto as discussões não se encerraram; permaneceram em âmbito de escola onde se percebeu um movimento acontecendo, refletindo nas ações e práticas dos professores e professoras, como também, a continuidade da formação para o ano seguinte.

Finalizado esse primeiro processo de formação, posso afirmar que percebi um grande envolvimento e interesse dos educadores e educadoras através de depoimentos e na avaliação de nossos encontros:

Escrita 1: "Que bom, estamos pensando e construindo a Educação do Campo do nosso município. Saber que minhas preocupações não diferem das preocupações de minhas colegas".



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



Escrita 2: “Que bom, poder esclarecer a origem da educação do campo para poder criar um norte para nossas aulas”.

Escrita 3: “Que bom, momento de troca de saberes entre escolas e também das leis que regem nosso trabalho”.

Escrita 4: “Que bom, assuntos pertinentes para embasar a prática na Educação do Campo”.

Escrita 5: “Que bom, que trouxeram novidades, mostraram escolas que estão criando o clube de ciências. É ótimo nos mostrar o que está acontecendo”.

Grande parte desses educadores e educadoras, estão repensando suas práticas e seus saberes para contemplar esse campo que antes não era enxergado. Estão engajadas no desenvolvimento do Clube de Ciências do Campo e realizando ações que contemplam a vida dos educandos e educandas, bem como, valorizando mais a participação dos mesmos.

A partir desses encontros de formação podemos perceber um grande entusiasmo pela busca constante de novas práticas as quais possam contemplar as necessidades reais de nossos educandos. Ainda existe sim um medo de mudar, mas ele é superado pelo desafio e vencido através do diálogo e da esperança em fazer a diferença na educação para e com os educandos e educandas de nossas escolas.

O processo de formação deveria ser contínuo, mas no ano seguinte (2017), os encontros aconteceram mais “escassos”, contudo não prejudicou na qualidade. Foram três encontros coletivos os quais ocorreram de forma intensa e retomamos a discussão realizada no ano anterior.

Os encontros possibilitaram um resgate de todas as nossas discussões anteriores, paramos para refletir e nos questionamos: Por qual campo estamos andando? Os encontros anteriores colaboraram para a nossa reflexão quanto a nossa prática de aprendizagem? Conseguimos fazer alguma mudança em nossa rotina dentro da escola? Conseguimos elaborar estratégias apropriadas e



adequadas para mudar o processo de educação na escola? Que escola do campo nós temos e estamos contemplando no processo de educação?

Pois conforme Freire (2013), “não posso reduzir minha prática docente ao puro ensino de conteúdos. Tão importante quanto ele é o respeito jamais negado ao educando, a seu “saber de experiência feito” que busco superar com ele”.

Acredito que as respostas seguem a seguir, com alguns dos resultados que foram alcançados, transcritos de forma humilde, pois muito grandioso é o ato de educar por amor e nele possibilitar as intervenções pedagógicas as quais vejo ocorrer no cotidiano de cada escola do campo.

## **2 – A COLCHA E SEUS RESULTADOS**

Para os questionamentos anteriores, certamente não serão todos respondidos nesse primeiro momento e nesse primeiro registro, pois o processo de formação é contínuo, bem como, os seus resultados e a caminhada que cada escola está fazendo, mas deixo aqui alguns avanços e experiências vivenciadas durante as visitas realizadas nas escolas. Assim, retratando o esforço e empenho que cada escola está tendo para o reafirmamento da/na Educação do Campo em sua comunidade:

### *Sobre o Planejamento Coletivo:*

Essa é um grande conquista das escolas do campo e acontece em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, pois ocorre em todas as escolas municipais do campo que consiste em ter o dia, ou o turno, de planejamento coletivo das atividades com todos os professores e professoras da escola. Esse dia, ou turno, é escolhido pelo coletivo da escola. Para uma melhor organização as escolas realizam um cronograma, no início do ano, o qual consta as atividades que serão desenvolvidas durante o semestre, bem como, os dias de planejamentos coletivos, discriminando as pautas de discussões para esse dia. Ele é de fundamental importância já que é o momento que o coletivo da escola tem para discutir e planejar principalmente as ações que serão desenvolvidas em conjunto, e até mesmo, individuais, dentro do contexto da escola.



### *Sobre a Acolhida*

A acolhida tem o objetivo de receber todos os alunos e alunas de forma diferenciada, como com uma dança, uma poesia ou outra atividade no primeiro momento antes da aula. Ela integra, no método pedagógico da escola, a intencionalidade do trabalho nessa dimensão da convivência, além de ser uma forma de cultivar os sentimentos combinados com convicções e valores, que ajudam a enfrentar os desafios de cada momento. É o momento de troca de energias, falar sobre sentimentos e desenvolve o convívio social entre todos os envolvidos na escola. Ela pode ser a atividade inicial da escola com relação aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, como é o que ocorre seguido nas escolas, com isso, despertando e envolvendo cada vez mais os educandos, pois eles também podem ser os responsáveis pela atividade.

### *Clube de Ciências*

Através da UFRGS em parceria com a SMEC, cada escola do campo foi incentivada a criar e desenvolver o seu Clube de Ciências cujo objetivo é despertar a pesquisa, o incentivo pela busca e envolver os alunos de forma criativa em cada conhecimento desenvolvido. Essa é uma atividade prática que desperta o interesse dos alunos através de práticas envolvendo os conhecimentos das ciências da natureza. Os assuntos desenvolvidos estão elencados com a realidade da comunidade e dos educandos. A partir dessa prática o aluno é desafiado, bem como seu professor, pois ambos se tornam pesquisadores e aprendem juntos com os resultados obtidos.

O grande mentor para a criação dos Clubes de Ciências é o professor José Vicente Lima Robaina, através do Programa de Extensão que trata da Formação de Professores e estudantes da Educação do Campo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do PREVEDUC.

A primeira escola a criar o clube de ciências foi a EMEF Rui Barbosa a qual iniciou suas atividades em maio de 2016 e o denominou como Clube de Ciências Saberes do Campo.



A segunda escola foi a EMEF Treze de Maio que também iniciou as suas atividades em setembro de 2016 e o nomeou como Clube de Ciências: Campo e Conhecimento.

A terceira escola a criar seu clube foi a EMEF Alfredo Antônio Amorim que iniciou em outubro de 2016 nomeando o clube de ciências, como Luzes da Liberdade.

A quarta escola foi a EMEF Vasconcelos Jardim que criou o Clube de Ciências do Campo nomeado como O Mundo da Ciência, em outubro de 2016

E a última escola foi a EMEF Álvaro Almeida que criou o seu clube denominado de Clube de Ciências Geração Cientista.

### *Horta Escolar*

Essa atividade é desenvolvida em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e a Secretaria Municipal da Agricultura, pois ambas desenvolvem o trabalho juntas para colaborar na manutenção das Hortas Escolares. Enquanto a Escola tem o papel de integrar essa atividade à rotina da escola de uma forma significativa para os alunos. A horta escolar é uma oportunidade para o aluno compreender a importância de um alimento gerado pela terra e de forma orgânica. A escola vem desenvolvendo de forma muito participativa e contemplando os saberes da comunidade, pois convidam pais e familiares para participarem da atividade.

Além dessas práticas descritas tantas outras acontecem em âmbito de escola, como: atividades envolvendo a comunidade, saídas de campo e a realização de atividades a partir de um tema gerador, assim, contemplando cada vez mais uma educação voltada para o educando e sua comunidade.

Apesar de pequenas são extremamente valiosas essas mudanças, pois é o reflexo do processo de formação contínuo e o desejo de cada educador e educadora, e certamente, outras mais virão em prol de nossos educandos e educandas. Tendo em vista o engajamento de cada educador e o seu processo de reflexão sobre a sua prática, pois entendemos que conforme Mészáros (2008) devemos reivindicar uma educação plena para toda a vida. E para garantir essa luta, caminhada e transformação que está acontecendo na educação do/no campo de Nova Santa Rita, se faz necessário garantir nas políticas públicas o direito a essa



educação de qualidade e engajada com o sujeito, por isso, o próximo passo é propor ao Conselho Municipal de Educação a Resolução Municipal sobre a Educação do/no Campo Municipal.

### **3 – PENSANDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO E SEUS DESAFIOS**

Frente a isso, pensar em uma proposta de escola do/no campo é não pensar num ideário pedagógico pronto e fechado, e sim, num conjunto de transformações que a realidade vem exigindo e projetando para a escola (nesse espaço social), garantindo assim, três grandes compromissos assumidos por ela os quais todos combinados entre si: compromisso ético/moral; compromisso com a intervenção social e compromisso com a cultura do povo do campo.

De acordo com Kolling (1998):

O compromisso ético/moral com cada e de cada participante de nossas práticas educacionais, como pessoas humanas, singulares e sociais, que têm necessidades, interesses, desejos, saberes, cultura e que merecem respeito, disponibilidade e seriedade de educadores/educadoras, de entidades e de governos. Esse compromisso tem como uma de suas implicações o esforço que deve ser feito para traduzir em políticas públicas, em relações pedagógicas e em metodologias de ensino e de aprendizagem os demais compromissos.

O compromisso com a intervenção social, entendida especialmente como vínculo com projetos de desenvolvimento regional (por sua vez ligados à construção de um novo projeto nacional) e como formação para o trabalho no campo.

O compromisso com a cultura do povo do campo (que implica resgate, conservação, recriação) tendo como eixos fundamentais: a educação dos valores, no sentido da escolha entre valores humanos e anti-humanos, que se coloca hoje como elemento decisivo nas opções econômicas, políticas e sociais em relação ao modelo de desenvolvimento do nosso país e do mundo inteiro; e educação pela memória histórica, no sentido de cada pessoa ou grupo perceber-se como parte de um processo que se enraíza no passado e se projeta no futuro; e a educação para a autonomia cultural, no sentido de o povo ser estimulado a produzir sua própria cultura, suas representações, sua arte, sua palavra. (37)

Um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores possibilidades da escola do campo é articular os conhecimentos que os educandos tem o direito de acessar a partir do trabalho com a realidade, da reconexão entre educação, cultura e os conhecimentos científicos a serem aprendidos em cada ciclo



de vida e de diferentes áreas de conhecimentos. E, uma das possibilidades de se fazer essa “reconexão” é explorar/reconectar os espaços diversos que podem ser pedagógicos, mas não necessariamente escolares.

### *As possibilidades dos espaços não escolares*

Segundo Gregório Grisa, ações afirmativas são políticas públicas que procuram dirimir desigualdades entre diferentes grupos sociais, assim como, oportunizar inclusão na esfera pública, como no ensino e no trabalho, e ainda defender direitos históricos ou emergenciais desses grupos.

Conforme afirma Gregório Grisa, políticas públicas, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE que proporciona um caminho para dirimir as diferenças sociais e econômicas entre os grandes agricultores (plantio em massa e de forma tradicional, com uso de agrotóxico) e os pequenos produtores agrícolas de assentamentos, os quais acreditam em produção de alimentos para garantir uma vida mais saudável, tanto para as pessoas que os consomem quanto os que produzem. Não utilizando o agrotóxico, o pequeno agricultor também está pensando em sua saúde e na de suas terras as quais não ficam contaminadas, dessa forma, todos os envolvidos ganham em qualidade de vida a partir dessa prática de plantio (quem consome, quem produz, meio ambiente, terra, animais, ar, água). O programa prevê a compra da alimentação escolar, sendo que, no mínimo, 30% desses alimentos devem ser de produtos da agricultura familiar, dessa forma, viabiliza a continuidade e a fomentação econômica dessas famílias que vivem do sustento da terra de forma válida e saudável, pensando no bem estar de todos os envolvidos.

A partir disso, pode se perceber que existe uma articulação ético-política, pois se desenvolve nos três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana), entretanto há necessidade de se fazer uma verdadeira revolução de escala planetária e com condição de que se opere em âmbito político, social e cultural para que essas articulações possam de fato ter efeito positivo social, cultural e ambiental em todo o mundo.

Sendo assim, o desafio está posto: trazer, levar, visitar, conhecer a comunidade e os espaços que não são escolares, mas são extremamente





formativos e pedagógicos a partir de suas vivências, cultura, práticas, enfim, do seu cotidiano que visa respeitar a natureza e tirar dela os alimentos de produção própria, mas de forma respeitosa e equilibrada com todo o sistema vital (meio ambiente, natureza, animais, seres humanos, água, ar, terra).

Conforme Grisa, reconhecer a cultura popular, os conhecimentos e valores da população afro-brasileira, indígenas e camponeses, considerar aspectos históricos que contemplam o respeito à ancestralidade, à religiosidade, à cultura, à historicidade são prerrogativas sinalizadas pelas ações afirmativas em uma proposta pedagógica para oportunizar uma aprendizagem e ensino de forma que todos participem de forma mais efetiva - alunos, professores e comunidade.

Os espaços não escolares, em hipótese alguma, podem ser considerados não pedagógicos, entretanto vai depender, sempre, do que se pretende visitando ou realizando determinado espaço, qual o objetivo da aprendizagem, enfim, é indispensável se ter claro o projeto para a aprendizagem para que a relação desse espaço faça sentido. É preciso calibrar o olhar frente às necessidades dos educandos, bem como, às vivências da comunidade de assentamento, por exemplo, para que ambos possam realizar um processo de interação e aprendizagem colaborativo.

A partir disso, espera-se também atingir o aluno, já que o mesmo faz parte dessa comunidade rica de saberes e possui um conhecimento não científico, e sim popular e válido para a sua vida em sua totalidade (escola e comunidade), conforme Freire:

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (FREIRE, 2013, 120).

Ir aos espaços não escolares é um desafio de uma proposta de Educação do/no Campo que deve ser assumida como tal, a fim de, valorar o território e a territorialidade da comunidade. Para isso é necessário que os espaços (escolar e não escolar) se conversem, ou seja, possam ambos mostrar e compartilhar seus conhecimentos para que se fortaleçam as políticas públicas e sociais do campo, e ainda, para que os indivíduos envolvidos se mantenham sujeitos em seus espaços e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA



em seus caminhos de buscas para a construção e reconstrução dos seus conhecimentos. Com base no exposto, Marcos Saquet (2015) afirma que:

A territorialidade é um fenômeno social, que envolve indivíduos que fazem parte de grupos interagidos entre si, medidos pelo território; mediações que mudam no tempo e no espaço. Ao mesmo tempo, a territorialidade não depende somente do sistema territorial local, mas também de relações intersubjetivas; existem redes locais de sujeitos que interligam o local com outros lugares do mundo e estão em relação com a natureza. (115)

Frente a isso, as forças sociais efetivam o território, o processo social, no espaço geográfico, centrado na territorialidade cotidiana dos indivíduos e emanado dela, em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades, que condicionam nossa vida cotidiana. Formam-se territórios heterogêneos e sobrepostos fundados em desigualdades e diferenças; e para que se possa dialogar com tudo isso a barreira da relação de poder existente na escola deve ser repensada; ou seja, uma educação dialógica é a que possibilita que esses territórios possam conversar com suas territorialidades e que talvez não sejam tão distintas uma da outra, mas precisam se complementar e as relações de poder, em todos os locais e suas territorialidades precisam ser discutidas para que todos possam se formar e reformar a partir dessa proposta.

Visitar um espaço não escolar, como eu fiz, ir a um assentamento, é se desafiar em um dia de colono o qual o seu dia começa às seis horas da manhã (normalmente bem mais cedo) e só para quando as tarefas estiverem todas concluídas ou encaminhadas. Um dia de colono é a oportunidade que muitos professores poderiam proporcionar aos seus estudantes de escola do campo (caso esses não tenham mais o contato com a terra ou para eles se perdeu o sentido) para poderem observar e perceber na prática que as ciências da natureza também estão presentes nesse dia a dia do colono, e ainda, que ele consegue realizar práticas possíveis para a sustentabilidade e seu sustento sem agredir de forma trágica a natureza e seu meio.

Desafiar-se nos saberes e práticas de sujeitos do/no campo também é possível dentro da escola, quando se abre as portas e se proporciona momentos para tal. Através de palestras, bate-papo, oficinas, da acolhida, do clube de ciências,



enfim, atividades ligadas ao campo que muito sabem e podem fazer a diferença no processo de aprendizagem e ensino dos educandos.

Por fim, o coletivo das escolas municipais do/no campo de Nova Santa Rita está trilhando esse caminho de desafios o qual não é fácil superar a rotina e esse processo homogêneo de educação bancária, porém através dos resultados alcançados pela prática realizada aos educandos e educandas estamos nos dando conta que a mudança é alcançável, e superar o estado de estagnação é possível.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS ALINHAVOS REALIZADOS

O presente trabalho, conforme já mencionei, é o primeiro registro da experiência realizada para a formação continuada aos educadores e educadoras das escolas municipais do/no campo de Nova Santa Rita, denominada “Redescobrimo Nossos Campos”. Esse tema gerador surgiu da necessidade de contemplar as diversas temáticas desenvolvidas durante a formação (História da Educação do/no Campo, A Elaboração do Projeto Político Pedagógico, Clube de Ciências, A Importância da Feira de Ciências, Agroecologia e os Alimentos Orgânicos, Saberes Quilombolas e Campesinos) e a partir das minhas realizações de leituras e pesquisa, assim, contemplando a organização e sistematização de todo esse processo de formação.

A realização dessa formação provém da necessidade de mudar as práticas de aprendizagem realizadas em sala de aula e ainda de contemplar os saberes populares da comunidade. Mudança essa nem sempre fácil de acontecer, já que depende do querer – fazer do educador e educadora que já está há algum tempo realizando a mesma prática e enraizado no processo de aprendizagem escolar disciplinar. Esse foi um dos entraves encontrados durante a formação: por que e para que mudar? Qual o sentido de uma escola do/no campo? Quais práticas são possíveis? Como fazer?

Esses foram alguns dos questionamentos desses educadores e educadoras que se desafiaram a fazer algo pela sua prática. No primeiro momento, sim, houve uma resistência de sair da “zona de conforto”, mas depois ficou a insegurança e a ansiedade para fazer algo adequado às necessidades da realidade da escola e da comunidade. Com o passar do tempo esses sentimentos foram sendo superados e



cada coletivo encontrou a sua resposta, respeitando a realidade de todo o contexto escolar (territorialidade, território, educandos, educadoras, comunidade).

Por fim, tecer essa colcha de vivências a partir das relações de saberes com as ciências da natureza foi um desafio enquanto aluna do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e coordenadora da SMEC. Considerando os dois campos de atuação os quais ambos se completam e permitiram a realização desse processo que espero colaborar com sua continuidade para que se torne uma formação permanente aos educadores e educadoras das escolas municipais do campo de Nova Santa Rita. Com isso, possamos estar em constante “ação-reflexão-ação” de nossas práticas, garantindo uma aprendizagem que contemple todos os saberes, inclusive oriundos da comunidade, do assentamento, do campesinato, entre tantos outros campos que forem necessários serem valorizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14. ed., Campinas: Papyrus, 2012.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- AUED, Bernardete Wrublevski; VENDRAMINI, Célia Regina. **Temas e Problemas no Esino em Escolas do Campo**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. **Escola em Movimento**. Instituto de Educação Josué de Castro. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CALDART, Roseli Salete; STEDILE, Miguel Enrique; DAROS, Diana. **Caminhos para a Transformação da Escola 2: Agricultura Camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Tema Gerador**. 3.ed. , Ijuí: Unijuí, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessário à Prática Educativa. 46. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.



GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel González. **Sobre a Evolução do Conceito Campesinato**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

HENGEMÜHLE, Adelar. **Significar a Educação: da Teoria à Sala de Aula**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2. ed., São Paulo: Boitempo, 2008.

ROCHA, Maria Isabel Antunes; MARTINS, Aracy Alves. **Educação do Campo: desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. 4. ed., São Paulo: Outras Expressões, 2015.

WERNECK, Hamilton. **Se Você Finge que Ensina, Eu Finjo que Aprendo**. 25. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2007.